

GLOSAR

#01 & #02

**Lais Rabello
de Andrade
Beatriz Duarte
Tiago Assis (Eds.)**

Índice

04	SOBRE ESSA PUBLICAÇÃO
14	SOBRE A SÉRIE GLOSAR
19	NOTAS SOBRE INFRAESTRUTURAS
23	GLOSAS VISUAIS
24	GV #1: Deslenguadas e a esfera do cuidado
30	GV #2: Visitando o passado colonial da FBAUP
38	GV #3: Cuidando das obras icônicas de Siza Vieira
46	GV #4: Visita guiada à antiga Refinaria de Matosinhos
54	GV #5: Como podemos visibilizar o ar?
58	GV #6: Aprendendo com práticas locais
67	GLOSAR MASTERCLASSES
68	GM #1: Infraestrutural Turn por Inês Moreira
74	GM #2: Ecologias e pedagogias do cuidado. Ensaio por Beatriz Duarte
89	Referências
91	Biografias



Sobre essa publicação:

Por Lais Rabello de Andrade

(i2ADS-FBAUP)

Esta publicação é uma coleção de glosas, imagens, anotações e fragmentos produzidos durante os dois primeiros encontros da série GLOSAR. Mais do que um registro, esta publicação experimenta a escrita como eco: cada fragmento anota e reverbera, ao mesmo tempo, o acontecimento que o atravessa. Entre a escuta e o comentário, entre o registro e o rastro, esta publicação compõe um arquivo vivo, incompleto por princípio.

Este volume reúne materiais oriundos de três momentos distintos que se entrelaçam no início da série GLOSAR: a primeira masterclass da série, Infraestrutural Turn, ministrada por Inês Moreira (CEAA-ESAP); o encontro entre a rede *Ecologies of*

Care¹ (Elke Krasny, Inês Moreira, Nicola Feiks, Daria Bocharnikova, Gabi Scardi, Sofia Boito e as recentemente integradas Yona Catrina Schreyer, Camilla Martino, Saskia Def, Denisa Tomkova, Cassandra Cozza) e o projeto Extreme Sites² (Inês Moreira, Joana Rafael, Beatriz Duarte, Lais Rabello de Andrade, Flora Paim, Inês Azevedo), articulado por Inês Moreira como parte de um gesto curatorial mais amplo; e a segunda masterclass da série, Feminist Infrastructural Critique, conduzida por Elke Krasny, realizada no contexto desse mesmo encontro. Embora apenas as masterclasses integrem formalmente a série GLOSAR, o encontro entre as redes foi incorporado a esta publicação como um exercício experimental de reflexão coletiva.

¹ Para mais informações a respeito da rede Ecologies of Care vide: <https://ecologiesofcare.org>

² Para mais informações a respeito do projeto Extreme Sites vide: <https://extremesitesproject.wordpress.com>

A estrutura deste volume organiza-se em três blocos complementares. O primeiro reúne uma série de glosas visuais — imagens realizadas por Beatriz Duarte (i2ADS-FBAUP) e Lais Rabello de Andrade (i2ADS-FBAUP) durante o encontro entre as redes de pesquisa Ecologies of Care e Extreme Sites (EoC + ES) — acompanhadas por pequenos textos reflexivos de diferentes naturezas e autorias. Esses fragmentos combinam o comentário, a memória e o deslocamento como formas situadas de anotar.

ENTRE A ESCUTA
E O COMENTÁRIO,
ENTRE O REGISTRO
E O RASTRO,
ESTA PUBLICAÇÃO
COMPÕE UM
ARQUIVO VIVO,

incompleto

POR
PRINCÍPIO.

As glosas visuais fixam seis momentos particulares do encontro entre as pesquisadoras da rede Ecologies of Care e do projeto Extreme Sites (EoC + ES).

A Glosa Visual #1, intitulada Deslenguadas e a esfera do cuidado: Sessão Collective Learning: EoC + ES, foi escrita por Lais Rabello de Andrade e acompanha a partilha inicial entre as participantes, durante a sessão de abertura na ESAP. O texto, em tom de diário, reflete sobre a pluralidade de línguas, geografias e abordagens presentes naquele primeiro momento coletivo.

A Glosa Visual #2, Visitando o passado colonial da FBAUP, foi escrita por Tiago Assis (i2ADS-FBAUP) a partir de uma visita guiada que ele conduziu pelos jardins da Faculdade de Belas Artes. O texto assume um tom descritivo e informativo, contextualizando os vestígios materiais da história colonial portuguesa presentes naquele espaço e propondo uma leitura crítica da paisagem institucional.

A Glosa Visual #3, Cuidando das obras icônicas de Siza Vieira, foi escrita por Beatriz Duarte e parte da visita à Casa de Chá da Boa Nova e à Piscina das Marés, organizada no contexto do encontro (EoC + ES). Com tom de diário que desliza para uma reflexão crítica, o texto contrapõe a visualidade limpa da arquitetura modernista à decadência e obsolescência de suas infraestruturas, interrogando seu destino e lugar no presente.



As Glosas Visuais #4 e #5 reúnem textos em torno da visita à antiga refinaria de Leça da Palmeira, marcada pelo contraste entre sua monumentalidade industrial e seu processo atual de desmantelamento. GV#4, Visita guiada à antiga Refinaria de Matosinhos, foi escrito por Inês Moreira a partir da visita conduzida por ela no contexto do evento Open House. Com tom documental e sensível, o texto situa a história da refinaria como infraestrutura crítica em transformação. GV#5, How can we visibilize air?, tem autoria de Inês Moreira e Joana Rafael, sob o coletivo Refineryboard.pt, e propõe uma dinâmica

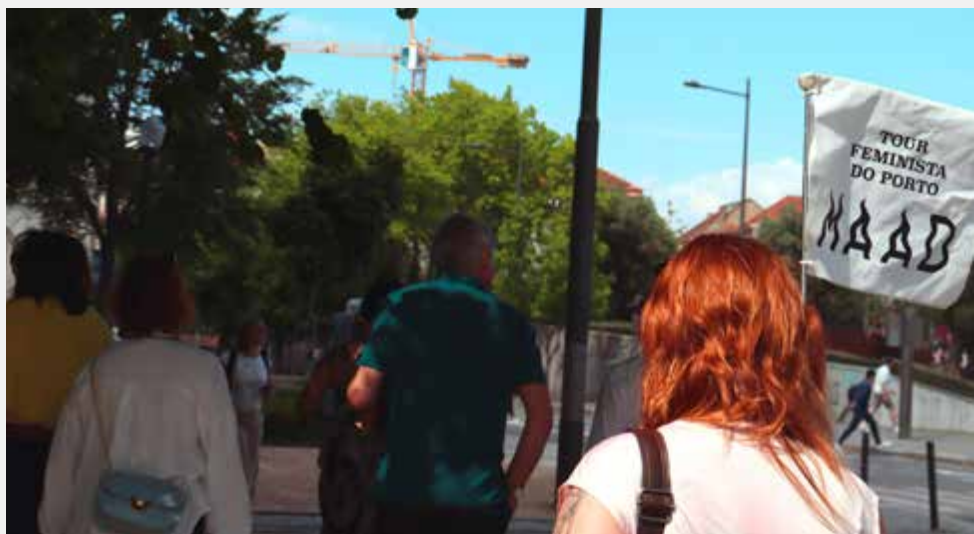


Visita guiada com os grupos do Ecologies of Care e Extreme Sites à Casa de Chá de Álvaro Siza Vieira, acompanhada pelo guia da Casa da Arquitetura, durante a atividade de campo junto ao litoral.

experiencial realizada durante o encontro (EoC + ES), convidando as participantes a experimentar, observar e refletir sobre a presença do ar — elemento invisível e carregado de implicações infraestruturais, sensoriais e políticas.

A Glosa Visual #6, Aprendendo com práticas locais, foi escrita por Beatriz Duarte e relata o último dia do encontro (EoC + ES). Em tom de diário, o texto percorre dois momentos organizados em colaboração com coletivos da cidade do Porto: uma partilha realizada na livraria Bikini Books, coorganizada com a Parábola Crítica, e

uma caminhada feminista pela cidade conduzida pela MAAD (Mulheres, Arte, Arquitetura & Design). A caminhada propôs uma leitura crítica dos espaços públicos da cidade, questionando as ausências e apagamentos que marcam a paisagem urbana: onde estão as mulheres? Quem é lembrado e quem é silenciado nas formas de monumentalização e memória coletiva?



O segundo bloco apresenta um excerto do texto de Inês Moreira, *Infraestrutural Turn: Ação artística e curatorial envolvida com lugares extremos*, que desenvolve as ideias partilhadas na primeira masterclass da série GLOSAR. O texto articula práticas artísticas e espaciais com infraestruturas críticas, propondo uma reflexão situada sobre territórios marcados pela obsolescência, pelo risco e pela disputa.



Registro da caminhada com o coletivo MAAD no Tour Feminista do Porto.

O terceiro bloco reflete sobre a conferência de Elke Krasny, *Feminist Infrastructural Critique*, realizada como segunda masterclass da série GLOSAR, em um ensaio redigido por Beatriz Duarte. A partir da experiência do grupo *Ecologies of Care* e da publicação homônima lançada em coautoria com Sophie Lingg e Claudia Lomoschitz, Krasny propõe uma virada epistemológica feminista que compreende o cuidado como método, ética e infraestrutura. A conferência articula práticas curatoriais, memória e pedagogia em resposta à precariedade sistêmica e à violência infraestrutural que atravessa corpos, espaços e territórios.

Este volume inclui ainda os cartazes de divulgação das duas masterclasses, coordenados por Tiago Assis (i2ADS-FBAUP), que também participou ativamente do encontro entre os grupos de pesquisa. Mais do que peças gráficas, os cartazes reforçam a dimensão visual e curatorial da série GLOSAR, contribuindo para a materialidade e a memória dos encontros. Essa publicação não seria possível se não fosse o encontro fortuito entre a rede *Ecologies of Care* e o projeto *Extreme Sites*, incluindo a participação de agentes e

coletivos do Porto, como a livraria Bikini Books (Nina Paim), a MAAD (Isabeli Santiago, Alicia Medeiros) e a Parábola Crítica, cuja presença expandiu o diálogo para além das fronteiras institucionais.

Mais do que documentar, as notas aqui reunidas glosam. Comentam à margem, dobram o sentido, escavam o que parecia apenas registro. Esta publicação não busca uma totalidade, mas pratica o fragmento como método: cada imagem, cada anotação, cada texto inscreve um gesto situado de escuta e elaboração crítica.



**MAIS DO QUE
DOCUMENTAR,
AS NOTAS AQUI
REUNIDAS**

GLOSAM.

COMENTAM

À MARGEM,

**DOBRAM O SENTIDO,
ESCAVAM**

**O QUE PARECIA
APENAS**

REGISTRO.

Sobre a Série GLOSAR

Por Lais Rabello de Andrade

(i2ADS-FBAUP)

glosar (glo · sar)

[v.tran.]

Palavra derivada do grego glōssa (língua) e do latim glossa (termo obscuro ou palavra difícil)

1. Verbo apropriado por pesquisadores para designar uma prática de leitura que desafia a transparência do texto sob a forma de um comentário marginal.
2. Verbo de sonoridade peculiar que aproxima afetivamente o leitor.
3. Anotar
4. Comentar
5. Explicar
6. Criticar
7. Desenvolver em verso
8. [Popular] anular; suprimir

Palavras semelhantes:

glosadore (glo · sa · dore)

[adj.n.n.]

1. Aquele que glosa

Para a filologia, glosar é explicar o que não é compreensível por si só — contextualizar termos dúbios, escorregadios. Durante a Idade Média, a prática da glosa floresceu nas margens dos manuscritos, onde pequenas notas comentavam e tensionavam o texto principal. No século XV, a glosa poetiza-se: passa a designar a prática pela qual um poeta parte dos versos de outrem para tecer uma nova poesia, costurando continuidade e desvio. Já na modernidade, o termo ganha outra faceta: no campo jurídico e administrativo, glosar passa a significar suprimir conteúdos — anotar para cancelar. Talvez por isso o termo tenha se tornado menos frequente na teoria crítica contemporânea. Ainda assim, dada a vitalidade e a potência crítica de sua prática, este é um momento fértil para reinscrever a glosa como ferramenta epistemológica e curatorial.

**Deslenguadas. Somos los del español deficiente.
We are your linguistic nightmare, your linguistic
aberration, your linguistic mestizaje, the subject of
your burla. Because we speak with tongues of fire
we are culturally crucified. Racially, culturally and
linguistically somos huérfanos—we speak an orphan
tongue. (Anzaldúa, 2007, p.80)**

Glosa:

Glosar é escrever com a língua que não se acomoda — ilegítima, mesclada e em constante disputa. Nos encontros da série GLOSAR, os termos e conceitos permanecem em estado contínuo de fricção. São termos em inglês, são perguntas em português. São comentários em português brasileiro, são respostas em português moçambicano. Interessa pouco o jargão estável e sua perpetuação. Glosar, aqui, é recusar o idioma do poder. É arriscar outras formas de entendimento, mais afetivas, mais híbridas, mais impuras. É deixar que a margem escreva no centro.

Acknowledging the agency of the world in knowledge makes room for some unsettling possibilities, including a sense of the world's independent sense of humour. Such a sense of humour is not comfortable for humanists and others committed to the world as resource. Richly evocative figures exist for feminist visualizations of the world as witty agent. (Haraway, 1990, p.199)

Glosa:

Glosar é recusar o paradigma logocêntrico, assumindo a afetividade do pensamento e seu alcance enquanto conectividade entre diferentes subjetividades. Não existem materialidades neutras: o mundo age, responde, ironiza. Nos encontros da série GLOSAR, essa agência se tornou evidente no jardim da FBAUP, onde o

colonialismo ainda se faz presente; na refinaria de Leça da Palmeira, cuja toxicidade ainda emana; no ar, espesso e carregado da violência infraestrutural. Glosar, aqui, é aceitar que nem todo comentário vem de uma voz humana: há ruídos, vapores e objetos que glosam de volta. É tornar-se sensível a uma crítica feita de poeira, som e deslocamento.

Glosar, portanto, não é apenas um exercício de comentário — é uma prática situada de escuta, desvio e fabulação crítica. Ao propor um léxico fragmentário e uma escrita que emerge das margens, esta publicação não busca encerrar sentidos, mas abrir fissuras no pensamento. As glosas aqui reunidas ecoam as masterclasses de Inês Moreira (GLOSAR #01: Infraestrutural Turn) e Elke Krasny (GLOSAR #02: Feminist Infrastructural Critique), e convidam à continuidade: que se glose com, contra, a partir e além. Porque cada conceito, assim como cada infraestrutura, pode — e deve — ser glosado.



Glosar as
a verb.

Notas sobre infraestruturas:

Por Lais Rabello de Andrade

(i2ADS-FBAUP)

Os dois primeiros encontros da série GLOSAR voltaram-se à crítica das infraestruturas. A escolha não foi acidental. Infraestruturas não são apenas os sistemas técnicos que sustentam nossas cidades ou as condições materiais que permitem a circulação de corpos, mercadorias e dados. Elas moldam afetos, regulam vidas e organizam o visível e o invisível — o que emerge como possível, habitável, nomeável.

Partindo de abordagens feministas e decoloniais, a crítica infraestrutural não se limita a diagnosticar falhas de funcionamento ou apontar invisibilidades. Trata-se de pensar as infraestruturas como estruturas de poder e cuidado, onde se

inscrevem relações de gênero, raça, classe e história. Inês Moreira e Elke Krasny, nas duas primeiras masterclasses da série, propuseram que cuidar das infraestruturas é também cuidar das epistemologias e dos corpos que elas abrigam ou expulsam. É entender que o que sustenta a vida não é neutro — e que há infraestruturas da opressão tanto quanto da resistência.

Nesse contexto, glosar pode ser pensado como uma prática infraestrutural da linguagem. Uma operação que escava, anota e tensiona o que parece dado. Se a linguagem é também uma infraestrutur — feita de gramáticas, vocabulários autorizados, regimes de tradução e silêncio — então glosar é interferir nesse tecido. É operar nas margens do discurso como quem repara, reconfigura ou obstrui um fluxo dominante. Glosar, assim, não é só comentar: é intervir nas fundações do que se pode dizer.

Casa de Chá da Boa Nova, arquiteto Álvaro Siza Vieira.







Glosas - Notas em Imagens



***ENTRE O
REGISTRO
E A LEGENDA***

Glosa Visual #1: Deslenguadas e a esfera do cuidado: Sessão Collective Learning: EoC+ ES

Por Lais Rabello de Andrade

(i2ADS-FBAUP)



O cuidado com o Outro, consigo próprio e com o ecossistema foi o motivador do encontro entre o Ecologies of Care e o Extreme Sites, que se iniciou a 15 de maio de 2025 na Escola Superior Artística do Porto (ESAP). Esta publicação é uma continuação desse gesto — um cuidado com o que resta, com o que reverbera. Eu, Lais Rabello de Andrade (i2ADS-FBAUP), junto de Tiago Barbedo Assis

(izADS – FBAUP) e Beatriz Duarte (izADS-FBAUP), procuramos cuidar daquilo que é memória e ressonância daquela experiência vivida.

De manhãzinha, nos encontramos diante de um banco à porta da ESAP, organizadas de maneira a permanecer na sombra projetada pelo edifício sobre o pátio. A disposição aglomerada durou pouco: logo fomos acolhidas pelo interior iluminado da escola, cujas janelas largas favorecem um ambiente permeável, quase poroso. Após uma visita guiada ao projeto arquitetônico conduzida por Inês Moreira, sentamo-nos todas ao redor de uma mesa. Aos poucos, aquela mesa de reuniões tornou-se uma mesa familiar — lugar de escuta e partilha, que acolheu pesquisadoras vindas de diversos países, com línguas e sotaques distintos, falando de si e de suas práticas.

Esse também foi o primeiro dia em que o livro *Extreme Sites: Bibliografia Operativa para Práticas Artísticas e Espaciais* — editado por Inês Moreira, Susana Gaudêncio e Lais Rabello de Andrade, como parte da Coleção Paisagens, Patrimônio e Território (Lab2PT-UMinho) — foi visto por olhos que não os de suas editoras. Impresso em modo de rascunho, foi



Momento de partilha no encontro realizado no Centro de Estudos Arnaldo Araújo. Inês Moreira apresenta o trabalho publicado no livro *Vegetação Inquieta: registros improváveis entre paisagem, arte, arquitectura e ruína*, editado por Miguel Costa.

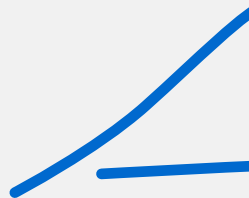
manipulado afetivamente por suas autoras presentes: para além de mim, estavam Inês Moreira (CEAA-ESAP), Joana Rafael (CEAA-ESAP), Beatriz Duarte (i2ADS-FBAUP) e Flora Paim (IHA-NOVA FCSH / IN2PAST). O afeto e o domínio do familiar e do doméstico ganharam ainda mais foco com a fala de Inês Azevedo e Joana Mateus a respeito de suas práticas na Casa da Imagem. Mesmo ausente fisicamente, Miguel Costa (i2ADS-FBAUP / CEAA-ESAP) — cujo livro *Vegetação Inquieta: Registros Improváveis entre paisagem, arte, arquitetura e ruína* fora lançado pouco antes — fez-se presente em toda a discussão. Havia mais formas de dizer na sala do que se podia contabilizar. Para além da formalidade acadêmica, falava-se ali, parafraseando Gloria Anzaldúa, numa linguagem órfã. Somos deslenguadas!

O encontro esboçava uma constelação partilhada de conceitos e metodologias: práticas artísticas atravessadas por questões ecológicas; processos participativos de produção do espaço urbano; o cuidado como conhecimento situado; e reabilitações culturais entendidas como gesto crítico sobre o território. Como Inês Moreira propôs, o que estava em causa era *stretching concepts*: alargar termos, dobrar seus limites, entrelaçá-los em novas configurações — como em um jogo de *string figures*, onde o pensamento se tece com outras mãos, atravessa línguas, corpos e urgências.

Mais do que chegar a sínteses, tratava-se de abrir caminhos. Entre as apresentações e as escutas, germinava ali um vocabulário comum — ainda hesitante, feito de termos partilhados, mal-entendidos férteis e traduções imperfeitas. O que se iniciou naquele banco à sombra da ESAP não era um evento isolado, mas o primeiro fio de uma trama contínua — entre nomes, gestos, línguas e afinidades a serem ainda glosadas.

**HAVIA MAIS
FORMAS
DE DIZER NA SALA
DO QUE SE PODIA
CONTABILIZAR.**

**PARA ALÉM DA
FORMALIDADE
ACADÊMICA,
FALAVA-SE ALI,**



**PARAFRASEANDO
GLORIA
ANZALDÚA,
NUMA
LINGUAGEM
ÓRFÃ.**

**SOMOS
DESLENGUADAS!**



Glosa Visual #2: Visitando o passado colonial da FBAUP

Por Tiago Barbedo Assis

(i2ADS-FBAUP)



Escultura oculta entre as pedras dos jardins da Faculdade de Belas Artes, observada durante a caminhada.

A visita ao lugar da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (FBAUP) com o grupo Ecologies of Care iniciou-se pela entrada do edifício central. No átrio principal, perante as duas réplicas do “escravo rebelde” de Miguel Ângelo, procuramos lançar um enquadramento pós-colonial para o passeio pelos jardins da FBAUP. Este enquadramento tem sido muito impulsionado por estudantes, na última década. Na sua maioria são imigrantes, principalmente do Brasil, que provocaram nas aulas e em conferências, acesas discussões a partir de lentes e referências críticas, pouco usadas até então na FBAUP. Essa crítica e olhar contra-hegemónica começou a ser sistematizada no Fórum Cultura|Cidade Um Direito e também pelo Grupo de Práticas Anti-Discriminatórias.

Para nós, passear hoje no lugar da FBAUP implica desenterramos o passado sombrio, do seu palacete burguês do séc. XIX e do seu jardim cheio de espécies exóticas. Foi em 1861 que António Ribeiro Fernandes Forbes, um brasileiro de torna-viagem, comprou um loteamento, adjacente à Rua de S. Vitor e à Rua do Reimão (hoje, Avenida Rodrigues de Freitas). Brasileiros de torna-viagem, foram portugueses emigrantes no Brasil no séc. XIX e início do séc. XX, que regressaram a Portugal abastados, muitas vezes com fortunas ligadas a negócios extractivistas e à escravatura.







Jardins da
Faculdade de
Belas Artes da
Universidade do
Porto.



Forbes, junto com a sua mulher, Maria do Carmo Calazans Rodrigues, começaram por edificar o espaço e o respectivo jardim. O edifício viria a ser conhecido como Palacete Braguinha, pois pertenceu mais tarde a outro torna-viagem, José Teixeira da Silva Braga. O seu herdeiro, José Braga Júnior, foi Vice-cônsul do Brasil no Porto e na altura contratou o arquitecto paisagista belga, Florent Claes, para a construção do jardim.

Habitado a trabalhar com espécies da América do Sul, Florent Claes desenhou este jardim e contribuiu com intervenções no jardim do Palácio de Cristal que viria a receber em 1934, a Exposição Colonial Portuguesa. Embora do trabalho de Florent Claes hoje só restem vestígios, é perceptível como estes jardins pertencem e constituem um imaginário e discurso colonial.

Uma forma de organizar, classificar e ordenar espécies, de aliená-las dos seus próprios locais e deslocá-las para um território, como forma de engrandecer esse mesmo feito. Beleza e assombro constituem esta heterodistopia que perpetua uma estrutura de opressão sobre corpos que partilham de uma ancestralidade de alienações e deslocamentos terríveis e que ressoam neste jardim.

Precisamente por isso, o lugar da FBAUP é em si mesmo um ponto de partida para uma análise dessa discursividade por parte de estudantes que procuram uma crítica reparativa e restitutiva. Estudantes atravessam diariamente este jardim pelo meio dos ecos coloniais da vegetação e edifícios, pelo meio de esculturas feitas sobretudo por homens brancos, pelas aulas que insistentemente reproduzem a história hegemónica. Acrescenta-se a tudo isto mais efeitos das colonialidades presentes na Universidade do Porto, como o pagamento de propinas mais elevadas para estudantes brasileiros do que aos portugueses.

A partir deste contexto, a visita das *Ecologies of Care* a este lugar deixa-nos também com novas inquietações:

O que significa cuidar deste jardim, cuidar do edificado e infraestrutura da FBAUP, cuidar da história, dos cursos e das matérias leccionadas neste lugar? Em suma, o que significa uma ecologia do cuidado na FBAUP?

BELEZA

**E ASSOMBRO
CONSTITUEM ESTA
HETERODISTOPIA
QUE PERPETUA
UMA**

**ESTRUTURA
DE OPRESSÃO
SOBRE CORPOS
QUE PARTILHAM
DE UMA**

**ANCESTRALIDADE
DE ALIENAÇÕES
E DESLOCAÇÕES
TERRÍVEIS E QUE
RESSOAM NESTE
JARDIM.**



Glosa Visual #3: Cuidando das obras icônicas de Siza Vieira

Por Beatriz Duarte

(i2ADS-FBAUP)



No dia seguinte, nos deslocamos para Leça da Palmeira, onde visitamos dois dos projetos mais emblemáticos de Álvaro Siza Vieira: a Casa de Chá da Boa Nova e, mais adiante, as Piscinas das Marés. Ambas as obras operam por uma lógica de enraizamento no território, numa arquitetura que emerge das pedras e do mar, produzindo relações coreográficas entre espaço, corpo e paisagem.

Chegamos à Casa de Chá da Boa Nova logo pela manhã, antes da abertura oficial do restaurante que ocupa o espaço atualmente. Ainda sem clientes, o espaço estava em silêncio, mas em movimento: funcionárias circulavam discretamente entre as mesas, preparando talheres, ajustando objetos, dobrando guardanapos com precisão. Era possível perceber os bastidores ativados diariamente para sustentar a experiência de luxo que viria em breve. O edifício, um dos primeiros projetos de Álvaro Siza, foi construído em 1958. Uma sequência de salas conduz o olhar, enquadrando o mar em diferentes perspectivas. Madeira, vidro e concreto articulam-se com a paisagem, estabelecendo um diálogo discreto com a costa e o horizonte.



Colaboradora preparando o espaço antes da abertura ao público no interior da Casa de Chá da Boa Nova.

Transformado em restaurante de alta gastronomia com estrela Michelin, o edifício foi incorporado a um circuito de consumo de luxo. O acesso é mediado por protocolos de assepsia: protetores plásticos nos sapatos, tempo de permanência limitado, circulação restrita. A arquitetura, originalmente pensada como abrigo público e acessível para a contemplação da paisagem, tornou-se cenário de exclusividade. É necessário lembrar, contudo, que a Casa de Chá passou por um momento de ruína. Uma forte tormenta destruiu parte significativa de seu interior, deixando o edifício abandonado por anos. Somente mais tarde, já em contexto de revalorização do patrimônio moderno, o espaço foi restaurado e reaberto ao público, ainda que com outra função.

A transformação do uso do espaço levanta questões sobre o destino dos espaços modernos: que formas de apropriação e significação sobrevivem quando a arquitetura é submetida às forças do mercado e do turismo? Que experiências se perdem, e quais se instituem, quando o edifício é reconfigurado como objeto de luxo? A Casa de Chá originalmente pensada como abrigo público, acessível, vinculado ao território e ao cotidiano, tornou-se hoje um lugar de exceção. O que resta da sua condição pública? Quem pode, de fato, habitá-lo?

Posteriormente, seguimos a pé até as Piscinas das Marés, um projeto inaugurado em 1966. O percurso proposto pela arquitetura revela também uma dimensão coreográfica do projeto. O acesso ao



espaço não é direto. Primeiro atravessa-se um corredor escuro, com atmosfera industrial, que conduz aos vestiários. Dali, uma sequência de pequenas transições entre mudanças de piso, textura e de luz, prepara o corpo para o encontro com o mar. Antes de ver o oceano, o visitante precisa caminhar ao longo de um paredão de concreto, que retarda a revelação da paisagem. O mar, nesse gesto, não é oferecido de imediato. Ele é mediado pela arquitetura.

Colaboradores preparando a Piscina das Marés para a temporada de verão, evidenciando o trabalho de manutenção que sustenta o funcionamento do espaço.



Encontramos o espaço ainda fechado ao público, em preparação para a temporada de verão. Diante de nós, revelavam-se, também, os bastidores da arquitetura. Em vez do cenário balnear em funcionamento, vimos a infraestrutura em ação: trabalhadores pintavam superfícies, limpavam áreas, realizavam pequenos reparos nas piscinas, gestos repetidos ano após ano para garantir que o espaço possa ser usado. Assim como na Casa de Chá, onde observamos a minúcia com que as mesas eram preparadas para a chegada dos clientes, ali também se evidenciava o trabalho invisível que sustenta a experiência arquitetônica.



Esse contato direto com a dimensão infraestrutural do edifício ressoa com as discussões propostas por Elke Krasny na conferência que será referida adiante. A arquitetura não se apresenta apenas como forma ou imagem, mas se afirma também como processo, sustentada por gestos de atenção, reparo e preparação. Testemunhamos o trabalho necessário para que um espaço se torne disponível ao uso, e, com isso, tornam-se visíveis as condições materiais e humanas que sustentam a permanência da arquitetura no tempo.

Fenda.
Rachadura.
Pedra.
Areia.

Ao mesmo tempo, a mediação dos espaços reafirmava, continuamente, a autoria de Álvaro Siza como marca central da experiência. O gesto de nomear, reverenciar, eternizar faz pensar sobre como a arquitetura se ancora frequentemente em figuras de autoridade quase míticas, mais do que nos processos coletivos que tornam esses espaços possíveis. Visitávamos obras que, embora concebidas com extremo cuidado em relação à paisagem e ao corpo no espaço, também estavam inseridas num sistema que celebra o indivíduo e oculta as múltiplas vozes envolvidas na construção, operação e manutenção desses lugares.

No paredão da arquitetura que impede a visão direta do mar na Piscina das Marés, uma rachadura se impõe no concreto. Em arquiteturas modernistas, esse material aparece com frequência como símbolo de solidez, de permanência, e também de uma certa promessa de neutralidade e uniformização, uma matéria despojada de ornamentos, capaz de acomodar diferentes programas com a mesma lógica estrutural. Mas é justamente nessa superfície lisa e controlada que a fissura se destaca. A rachadura carrega o tempo inscrito no corpo do edifício, um lembrete da erosão, do uso, da falha, da necessidade constante de reparo. Tal como a tormenta que abalou a Casa de Chá, essa fratura desloca a imagem de perfeição e nos aproxima da arquitetura enquanto organismo: sujeito a esforço, desgaste e persistência. São essas marcas, as que escapam ao controle do autor, que nos lembram que a arquitetura não vive apenas no gesto inaugural, mas na sua continuidade material e política, sustentada por práticas de cuidado, manutenção e reinscrição cotidiana.



**A RACHADURA
CARREGA O
TEMPO INSCRITO
NO CORPO
DO EDIFÍCIO,
UM LEMBRETE DA
EROSÃO, DO USO,
DA FALHA,

DA NECESSIDADE
CONSTANTE DE
REPARO.**





Glosa Visual #4: Visita guiada à antiga Refinaria de Matosinhos ³

Por Inês Moreira

(CEAA-ESAP)

³ Este texto foi elaborado e utilizado por Inês Moreira como base para a visita comentada à Refinaria, realizada em 5 de julho de 2025, no âmbito do Open House. Mais informações em: <https://2025.openhouseporto.com/places/16-antiga-refinaria-2025/>.



Vista parcial da antiga Refinaria de Matosinhos, com as chaminés e estruturas industriais que marcaram o território ao longo de décadas.

Bem vindos a bordo para a visita ao recinto da Antiga Refinaria de Matosinhos.

Acompanho-vos a entrar num pedaço de território já há séculos em contínua transformação material e simbólica e que temos acompanhado há 3 anos na plataforma cívica Refineryboard.pt. A visita que vamos fazer é cultural, histórica e apela à imaginação.

Fechem os olhos.

Respirem fundo.

Contando até dez, entramos na ZONA, como nos diria Tarkovsky:

Dez... Rolamos no chão que tremeu com a bombagem de máquinas gigantes.

Nove... Sentes o cheiro da ferrugem e do óleo que ficou.

Oito... Ouves o vento a gemer entre os tubos vazios.

Sete... Sentes o sol a ferver. Vês o sinal triangular
ATEX: atmosfera explosiva.

Seis... O eco de passos perdidos acompanha-nos.
Como o fumo desta autocarro.

Cinco... Ainda pairam as sombras dos homens que
aqui trabalharam.

Quatro... Escuta as vozes caladas do metal. E os
gritos das gaivotas.

Três... Aproximamo-nos do coração parado desta
refinaria.

Dois... O passado sussurra ao teu ouvido: o que
desejas, porque vieste aqui?

Um... Estás dentro. Bem-vindo ao passado!

**>>> obrigada, Lars Von Trier e Andrei
Tarkovsky, por nos ajudarem nesta entrada.**



O parque industrial em que entramos tem cerca de 240 hectares, com várias fábricas de engenharia especializada para a refinação de petróleo e abastecimento de matérias-primas, que laborou de 1970 a 2020, está em desmantelamento. O recinto tem sensivelmente a dimensão urbana de Matosinhos, ou dimensão de Leça da Palmeira. 33%+33%+33%, sendo que este terço está expectante de um novo futuro. Olhemos para trás:

1) Séculos e milénios

Antes do ser humano, esta área era dominada pelas dunas móveis e pela mata atlântica selvagem, onde o vento e o mar desenhavam constantemente a paisagem. Um ecossistema intocado, ou melhor, tocado apenas por plantas e animais adaptados à força bravia do Atlântico, mar e ar, uma época natural longe do tempo humano. [por sinal, talvez contemporânea das espécies que deram origem aos combustíveis fósseis].

2) Até aos anos 1910

Matosinhos era uma zona costeira tranquila, onde a pesca artesanal e a agricultura de pequena escala dominavam o quotidiano. Era um espaço natural, onde o ritmo da natureza ditava a vida dos seus habitantes e o tempo parecia estar suspenso. No início do século XX, o lazer e o veraneio começaram a ganhar espaço, transformando Leça numa zona de refúgio para quem procurava descanso junto ao mar.

3) Entre as décadas de 40 e 60

O lazer evolui, surgem as atividades náuticas, que atraem cada vez mais visitantes para a costa. As piscinas são construídas, na Quinta da Conceição e das marés, oferecendo novos espaços para o convívio e o recreio junto ao mar, com os clubes Náuticos e a Casa de Chá da Boa Nova. Matosinhos começa a afirmar-se como um polo de lazer costeiro, num equilíbrio delicado entre a natureza e a crescente presença humana.

4) Décadas de 50 e 60

Se a construção do porto de Leixões criou o aterro da Praia do Aterro no século XIX, já nos anos 60 o campo aberto deu lugar às obras da marginal. Planos e projetos iniciam-se para modificar a paisagem, numa transição que abrirá caminho ao progresso, mas também ao desaparecimento de antigas vivências e começando a artificialização que, agora, no século XXI se procura reverter.

5) Final dos anos 60

Começa a tensão: o que fazer? Propostas ambiciosas surgem, incluindo a criação de um campo de golfe para o lazer e turismo, à imagem do Hotel da Penina em Lagos, proposta do Presidente Pinto de Oliveira. Mas Salazar e o Estado Novo decide outro caminho, virado para a indústria e o crescimento económico nacional, e, contra a vontade do Presidente da Câmara, decide pela criação da refinaria pela SACOR.

6) Anos 70

Nasce a refinaria de Matosinhos — um símbolo poderoso do desenvolvimento português, uma fábrica que alimenta a economia e gera emprego. As chaminés e as flares elevam-se, o progresso industrial ganha corpo e forma neste lugar junto ao mar, ao longo do qual se estende: os oleodutos vão de Leixões ao aeroporto.

7) Anos 80 e 90

A refinaria adapta-se. Moderniza as suas instalações para cumprir normas ambientais emergentes, tentando reduzir o impacto no meio ambiente, mas a indústria mantém a sua força. É uma época de crescimento, mas também de consciência crescente sobre os custos ambientais do progresso. As primeiras vozes de alerta sobre o impacto ambiental e a necessidade de mudar apegam-se cada vez mais forte. Os sinais de desgaste começam a aparecer, e a sombra do futuro questiona o presente.

8) 2020

A produção cessou de vez em Matosinhos e foi concentrada em Sines. Arranca a vontade de descarbonização e descontaminação, um esforço intenso para limpar o solo e o ar, preparando o terreno para um futuro possível, mas ainda incerto.

9) 2023

Começa o processo de desmantelamento, apagar as cicatrizes deixadas por décadas de produção. Desapareceram já 26 tanques de crude. Em 2026 iniciará a descontaminação, abrindo caminho para a regeneração e para um novo começo.

10) Agora

Está em estudo a transformação deste lugar num Innovation District, com um campus universitário, sede de projetos de biotecnologia azul e outras atividades de energia verde e conhecimento. Os arquitectos MVRDV vão desenvolver um projecto, ao qual ainda não tivemos acesso.



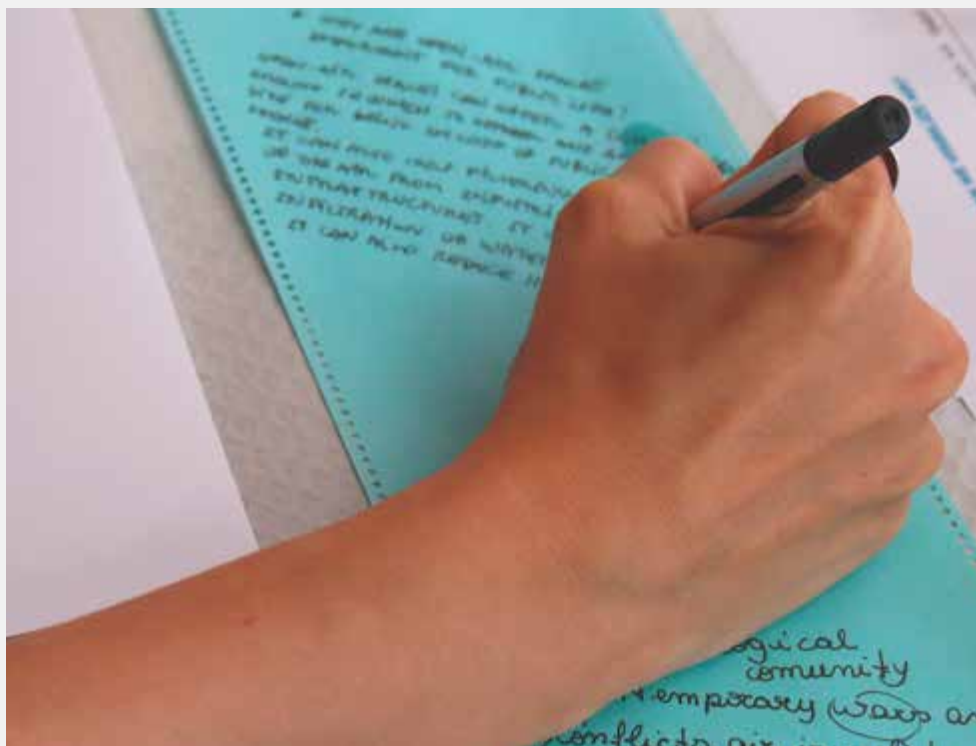
Por fim:

**Se as dunas aqui estivessem,
— se a mata atlântica se tivesse
mantido,
— se o campo de golfe tivesse
acontecido,
— ou se a refinaria ainda funcionasse,
não estaríamos aqui, nesta pequena
carrinha, curiosos com o futuro.
Por isso, deixo-vos uma questão e
passo o microfone:
O que gostariam que acontecesse
neste lugar? Têm planos?**

Glossa Visual #5: Como podemos visibilizar o ar?

por [Refineryboard.pt](https://refineryboard.pt)

(Inês Moreira e Joana Rafael)



Momento em que participantes respondem às perguntas do menu, registrando ideias na tira de papel azul.

A sessão inicia-se com uma breve introdução através de um menu de questões — “Como podemos visibilizar o ar?” — que evidenciam a importância de tornar o ar visível em matéria de reflexão e ação. A dinâmica do workshop centra-se na exploração sensorial, crítica e coletiva do ar enquanto elemento vital, político e comum.

Os participantes são guiados através de um conjunto de perguntas inspiradoras, organizadas em torno de dois conceitos: “ar” e “ar livre”, que servem como pontos de partida para observação, partilha e discussão. As perguntas propostas — como “Que cheiros se sentem junto à costa?”, “Como se sente o ar nos olhos e na pele?”, ou “Como pode o ar ser considerado político?” — incentivam uma abordagem sensível e crítica à qualidade do ar, à sua percepção corporal, aos seus efeitos sociais e ambientais, e às tensões que podem emergir nos espaços ao ar livre. As reflexões são inscritas numa longa tira de papel azul, desenrolado sobre a mesa no final do almoço.

A metodologia é participativa e aberta: os participantes são convidados a recordar como experienciaram o espaço envolvente da refinaria, a registar sensações e a debater em pequenos grupos. A dinâmica termina com uma partilha coletiva dos aspectos mais relevantes para cada participante, permitindo refletir sobre o ar como um bem comum, e reconhecer o seu papel central nas nossas vidas e ecologias urbanas.



HOW CAN WE VISIBILIZE AIR?

16th May 2025

Leça da Palmeira

RefineryBoard.pt

AIR QUESTIONS MENU

AIR

How do we perceive the company of air?

Which smells can be perceived along the shore?

How did the air feel on our eyes and skin?

Was there any stickiness, dryness, or irritation?

Did you experience any discomfort while breathing?

Were there physical particles in the air?

Was the breeze blowing any haze?

Was there any visible smog, smoke, or vapor?

Which sounds were carried through the air?

How might long-term exposure to air affect humans and non-humans?

OPEN AIR

What role does breathability play in open-air spaces?

Why are open-air spaces important for public-life?

In what ways does air become a matter of collective attention, and political action?

How does air pollution affect the meaning and use of open-air spaces?

What happens when air can no longer sustain us, or makes us sick?

How do open-air spaces function as a collective commons?

What kind of conflicts can arise in or around open-air spaces?

What happens when we shift our perspective to focus on the quality of air?

What happens when open-air spaces are polluted or degraded?

How can air be considered political?





**COMO PODE
O AR SER
CONSIDERADO
POLÍTICO?**

Glosa Visual #6: Aprendendo com práticas locais

por Beatriz Duarte

(i2ADS-FBAUP)

Conceitos e métodos importantes: amizade, publicação, caminhada, comida, efemeridade, narrativas orais, contra memória urbana, reinscrição simbólica e corpórea.



No terceiro dia do encontro *Ecologies of Care*, a prática do cuidado se fez ainda mais presente quando nos reunimos na Bikini Books, uma editora e espaço feminista de design fundada por Nina Paim no Porto. Sentadas em volta de uma mesa, fomos acolhidas em um ambiente que, mais do que físico, era afetivo: uma rede de amizades e parcerias cuidadosamente cultivadas por Nina. Era como se, nessa mesa, também entrássemos na teia de relações que sustentam seu trabalho e sua vida.

Nina mencionou um dos livros publicados pela Bikini Books, *On Design, Feminism and Friendship*, no qual entrevista Briar Levit (2024), como uma referência central para pensar sua própria prática: a amizade como um fundamento ético, estético e político. Ao evocar essa obra, ela sinalizava que seu trabalho não se constrói a partir de gestos isolados, mas se enraíza em vínculos e relações, especialmente entre pessoas em diáspora, como ela e muitas de nós, que precisam refazer suas redes de apoio em territórios estrangeiros. Nesse contexto, a amizade torna-se afeto, mas também metodologia. É por meio dela que Nina constrói e sustenta laços e colaborações, reunindo pessoas para editar e publicar livros que, como sua própria prática, nascem dessas redes de cuidado e afeto compartilhado.



Encontro na Bikini Books durante o terceiro dia do *Ecologies of Care*, com o grupo reunido em torno da mesa para partilhas e conversas sobre práticas de cuidado, amizade e edição feminista.

Nesse gesto de entrelaçar amizade e método que Nina convidou amigas-companheiras (Isabeli Santiago, Alicia Medeiros, Chloé Darmon, Isabel Duarte, Karina Ramos, and Engy Aly, Mayar El Bakry e Raya Leary) para compartilharem suas pesquisas e práticas com as investigadoras dos grupos Extreme Sites e Ecologies of Care. Artistas e pesquisadoras cujos trabalhos orbitam temas como o design e o espaço público, práticas culinárias, publicação independente e formas de cuidado insurgente. As contribuições apresentadas abordaram, entre outros temas, a presença da memória feminina em antigos lavadouros públicos; as relações entre práticas literárias e o espaço urbano; a caminhada como prática crítica que desafia o sujeito flâneur e propõe outras formas de percepção e inscrição no território; a história da África em intersecção com a gastronomia africana e afro-brasileira, revelando como os alimentos carregam narrativas de ancestralidade, migração e resistência; práticas experimentais de edição e publicação como espaços de articulação política e criação coletiva, etc.

Mais tarde, deslocamos nossa atenção para o espaço urbano e suas camadas de memória. Participamos de uma caminhada feminista pela cidade do Porto, conduzida pelo coletivo MAAD (Mulhe-

Momento de partilha durante o encontro na Bikini Books, com uma participante apresentando suas reflexões ao grupo.



res, Arte, Arquitetura & Design). A proposta era revisitar a cidade por meio de uma leitura crítica de seus monumentos, estátuas e omissões: onde estão as mulheres? Como — e se — são lembradas? Quais vidas foram apagadas da paisagem pública? Segundo o coletivo, a presença de pessoas historicamente marginalizadas, por gênero, raça, classe, idade, entre outros marcadores, tem sido sistematicamente distorcida, tornada ilegível ou simplesmente apagada, tanto material quanto simbolicamente, dos espaços da cidade.





Momento do Tour Feminista do Porto guiada pelo coletivo MAAD, com o grupo reunido para uma das paradas de discussão ao longo do percurso sobre Gisberta e suas memórias

A caminhada percorreu pontos como o Largo Amor de Perdição, a Rua de Cedofeita, o Jardim de São Lázaro, a Biblioteca Municipal do Porto, o Cemitério do Prado do Repouso e fez referência ao Edifício Pão de Açúcar. Em cada parada, histórias eram desveladas: Ana Plácido, escritora silenciada e subordinada à memória de Camilo Castelo Branco; Carolina Michaelis, intelectual homenageada, mas ainda exceção à regra de apagamento; Gisberta Salce, mulher trans brutalmente assassinada, cuja lembrança ainda é objeto de disputa, entre outras.

Ao convocar essas figuras, o coletivo também iluminava temas como transfobia, xenofobia, sexualização dos corpos femininos, colonialismo e violência simbólica, que perpassam os espaços públicos que habitamos. Ao longo do percurso, traziam ainda referências do trabalho de outras pessoas artistas e pesquisadoras que investigam criticamente esses espaços e suas camadas de invisibilidade — como se, ao caminhar, fossem também tecendo uma rede de continuidade de vozes que insistem em desafiar o esquecimento por meio da investigação artística, como Hilda de Paulo, Marina Morais, Tiago Liberdade, entre outras.

A proposta, no entanto, ia além da denúncia: tratava-se também de uma prática performativa e interventiva. Em alguns dos pontos do percurso, o grupo acionava pequenos gestos de reinscrição da memória no espaço público: colaram adesivos, abriram cartas e cartazes e colocaram músicas. Contudo, como nos contaram, essas intervenções são frequentemente removidas, evidenciando a dificuldade de estabelecer marcas duradouras para narrativas dissidentes.

Ainda assim, o coletivo insiste na potência do efêmero. Em sintonia com a proposta do encontro, evocam o cuidado como prática que ocupa os espaços, habita as lacunas dos monumentos com outras visualidades e vozes. Cuidar do espaço, nesse sentido, significa questioná-lo e reinscrevê-lo a partir de uma perspectiva feminista

interseccional, instaurando micro-infraestruturas de memória capazes de resistir ao esquecimento.

A caminhada ressoou diretamente com o argumento desenvolvido por Elke Krasny sobre o cuidado como uma infraestruturalidade crítica. Ao defender que práticas aparentemente frágeis, como caminhar juntas, ler em voz alta, marcar o espaço com gestos temporários, podem fissurar lógicas urbanas excludentes e propor modos de convivência mais justos, Krasny nos oferece uma lente para compreender as intervenções efêmeras do coletivo feminista: ainda que removidas, essas ações deixam resíduos, deslocam olhares e instauram formas de *slow learning* e pedagogias da esperança (Freire, 2014) que reconfiguram, ainda que sutilmente, as condições de visibilidade e pertencimento nos espaços que habitamos. Esse dia reforçou que o cuidado se tece na coletividade, nas relações e na insistência: é ocupar e imaginar futuros para que outras histórias possam, enfim, permanecer.

**QUAIS VIDAS
FORAM
APAGADAS
DA PAISAGEM
PÚBLICA?**



Conferências GLOSAR #1 & #2

***INFRASTRUCTURAL
TURN E FEMINIST
INFRASTRUCTURAL
CRITIQUE***

Infrastructural turn

acção artística e curatorial envolvida com lugares extremos

Inês Moreira (CEAA-ESAP)



14 de março de 2025 às 14:00
Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto
Auditório do Pavilhão Sul



Glosar Masterclass #1: Infraestrutural Turn ⁴

por Inês Moreira

(CEAA-ESAP)

Explorando a concretude de projectos criadores de condições infraestruturais “outras”⁵ para a prática cultural, artística e curatorial, Signe Meisner e Rachel Mader seguem as linhas de *freethought*, em particular o segundo enlace de Irit Rogoff — como acção crítica em/sobre instituições. Mapeiam iniciativas e lugares que, conscientes da rigidez das definições categóricas identificada pela infraestrutura ocidental, abraçam a sua fluidez e moldam novas conformações, referindo que:

“as abordagens à infraestrutura e à organização nas artes e nos estudos culturais críticos que emergiram recentemente tentaram redefinir o significado das práticas que se envolvem com os parâmetros com os quais estão entrelaçadas e rodeadas enquanto acção crítica ou mesmo radical. Essas práticas tornam-se inclusivamente plataformas para investigações colectivas e interdisciplinares e para que a arte e a acção social se fundam como locais cruciais de experimentação entre a experiência incorporada, a luta social e as apropriações colectivas do espaço”
(Christensen & Mader, 2020, p.06).

⁴ Este texto é um excerto do originalmente publicado em: Moreira, I. (2025, maio). Infra-estruturas críticas: Cuidando de sistemas em transição. *Jornal Arquitectos*: Publicação periódica da Ordem dos Arquitectos, 266, 36-47.

⁵ Seminário “Precarious Infrastructures: How to build institutions that escape the logics of touristification and urban service economies” <https://projects.au.dk/insai/events/show-event/artikel/precarius-infrastructures>

Identificam no seu levantamento de “atitudes e estratégias de interacção com o infraestrutural” a apropriação de infraestrutura, a criação de infraestrutura (auto-organização, projectos participativos) e o jogo com infraestrutura, bem como modos de acção, práticas situadas, a força de laços informais, ou as práticas do comum, que se manifestam numa diversidade de lugares físicos como museus, centros culturais, bienais, espaços auto-organizados e outros. Segundo as autoras:

“Quando considerado uma atuação performativa, o conceito de infraestrutura pode funcionar como uma ferramenta para tornar claro o que está em jogo em formas radicais de organização, em práticas de commoning ou em experiências curatoriais no sistema artístico. Performativo, portanto, significa não só considerar a infraestrutura como algo fluido e em constante mudança, mas também como algo maleável, que aqueles que nela vivem e actuam podem moldar” (Christensen & Mader, 2020, p.06).

Elke Krasny e Sophie Lingg sublinham o “infras-
tructural turn” (identificado por Meisner e Mader
nas artes) para analisar como se estende à arqui-
tectura e ecologia. A sua leitura leva a crítica ao
infraestrutural a novas dimensões projectuais e
propositivas, seja pela criação de novas organiza-
ções e pelo entrosamento com infraestruturas
existentes, como pelo nascimento do que conside-
ram ser um novo campo do conhecimento:

“Esta viragem infraestrutural conduziu não só a investigações culturais e artísticas sobre infraestrutura, mas também à formação de humanidades infraestruturais, entendidas de forma mais ampla. Nos contextos da arte e da arquitetura e das suas expressões visuais e espaciais, com as quais aqui nos ocupamos, tem havido um grande envolvimento crítico de artistas, artistas e praticantes críticos do espaço com a condição infraestrutural, com um enfoque tanto na infraestrutura para as artes, como no modo como as art based practices podem questionar, apropriar-se ou mesmo destruir as infraestruturas existentes” (Krasny & Lingg, 2024, p.007).

Dedicado à sua proposta de uma Feminist Infrastructural Critique, o recente número do FKW Journal sublinha aspectos usualmente considerados menores e secundários pela visão heróica da criação arquitectónica e espacial, mas absolutamente inerentes à noção e ao funcionamento de infraestrutura, aqueles da manutenção, reparação e cuidado:

“A Feminist Infrastructural Critique manifesta-se através da insistência no cuidado, na reparação e na manutenção, bem como através da resistência, da recusa, do protesto ou, por vezes, do ataque. Através de práticas de utilização e resistência, novos imaginários infraestruturais ganham vida para superar a opressão, a violência e a discriminação infraestruturais. Os labores quotidianos das infraestruturas estão no centro da Crítica Feminista das Infraestruturas e dos novos imaginários infraestruturais” (Krasny & Lingg, 2024, p.006).

Propõe entender a acção quotidiana como micropolítica transformadora, evidenciando a manutenção e a resistência, para além das “outras” formas de relação, imaginação e acção directa sobre o ambiente e o espaço.

Nesta resposta situada e orientada para a acção espacial, importa ainda revisitar a noção de prática espacial crítica definida por Jane Rendell (2006) em *Art and Architecture*. Posicionadas no interface entre as concepções e linguagens da arte e da arquitectura, e entre teoria e prática, as *Critical Spatial Practices* (Rendell, s.d) reúnem três aspectos — o crítico, o espacial e o interdisciplinar — que se expressam nas propostas de autores/colectivos envolvidos com espaços concretos. A formulação das *Critical Spatial Practices* permitiu a abertura de tropos não binários, como arte-arquitectura, teoria-prática, escrita-construção, hoje mais reconhecidos e praticados por diversas práticas e expressões da arquitectura e da arte. E, se há 20 anos o infraestrutural turn em arquitectura não estava em processo, as ideias, estratégias e intervenções reunidas como CSP provocaram leituras e acções sobre os lugares articuladas em práticas interdisciplinares, tendo sido precursoras de algumas das iniciativas de agora.

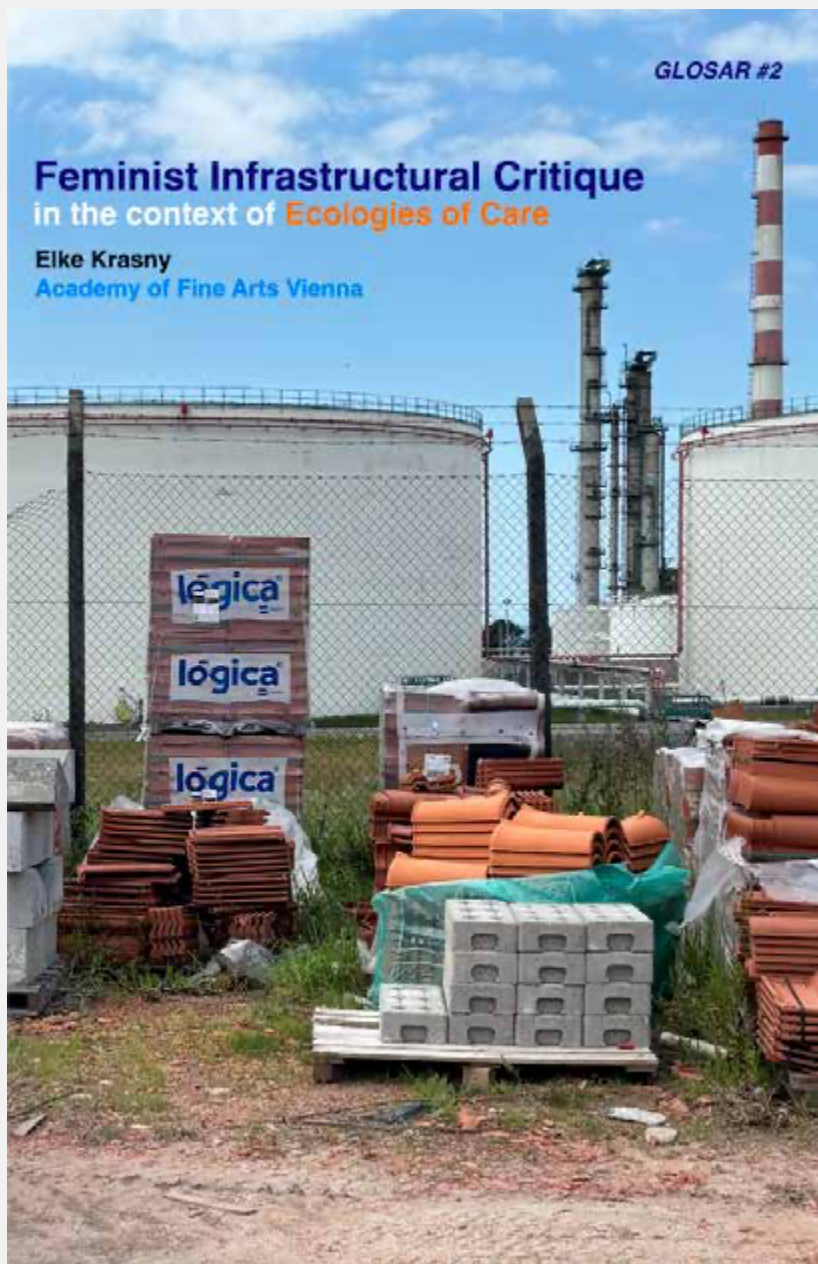
**ATRAVÉS DE PRÁTICAS
DE UTILIZAÇÃO E
RESISTÊNCIA,
NOVOS
IMAGINÁRIOS
INFRAESTRUTURAIS
GANHAM VIDA
PARA SUPERAR A
OPRESSÃO,
A VIOLÊNCIA E A
DISCRIMINAÇÃO
INFRAESTRUTURAIS.**

Glosar Masterclass #2: Ecologias e pedagogias do cuidado por Beatriz Duarte

(I2ADS-FBAUP)

Conceitos e métodos importantes: aprendizado lento,
pedagogias da esperança, cuidado, cuidado como
infraestrutura crítica, curadoria como/com cuidado.

Na conferência apresentada por Elke Krasny (2025), pode-se identificar três momentos que entrelaçam e estruturam seu percurso reflexivo: a apresentação do grupo Ecologies of Care, a elaboração de um pensamento sobre o cuidado e, por fim, a introdução da publicação *Feminist Infrastructural Critique: Life-Affirming Practices Against Capital*, editada em coautoria com Sophie Lingg e Claudia Lomoschitz (Krasny et al., 2024).



Cartaz de Divulgação da conferência GLOSAR #2.
GLOSAR #2 conference promotional poster.

A gênese do grupo *Ecologies of Care*, formado por curadoras, artistas, arquitetas, pesquisadoras e ativistas localizadas em diferentes regiões da Europa, surge em 2021, em meio às transformações profundas desencadeadas pela pandemia do COVID-19, como uma tentativa de construir um espaço de troca, escuta e coaprendizagem diante da intensificação da crise global do cuidado. Ainda que dispersas geograficamente, suas integrantes partilham preocupações com as práticas de curadoria, a ecologia, a memória, as infraestruturas em colapso e os modos como o cuidado é vivido, disputado ou negado em diferentes contextos.

O surgimento do *Ecologies of Care* em plena pandemia não é acaso, mas contexto: o colapso de sistemas de saúde, a sobrecarga de trabalho doméstico, o luto coletivo e o isolamento trouxeram à tona não apenas a centralidade do cuidado para a sobrevivência, mas também a precariedade estrutural das condições que o sustentam. Como responder a isso de forma coletiva, criativa e ética? Como cultivar formas de cuidado transformadoras?

“Ecologias sugerem formas de conhecimento e de florescimento em mundos que envolvem muitos e mais do que apenas humanos. Ecologias... é um termo relacionado ao meio ambiente, abrangendo desde a destruição ambiental causada por ações humanas até a justiça social e o ativismo ecológico.” Marsha Meskimmon, Transnational Feminisms and Art’s Transhemispheric Histories. *Ecologies and Genealogies*, 2023, p. 7. (conforme citado por Krasny, 2025)

A experiência de aprendizagem coletiva do grupo, iniciada virtualmente, foi se expandindo para encontros presenciais, organizados de forma autogerida e fora das estruturas institucionais tradicionais. Em cada encontro, as participantes são convidadas a partilhar os espaços, os contextos e as questões que atravessam suas práticas e pesquisas. Não se trata apenas de refletir sobre o cuidado, mas de construir um modo de estar-juntas que constitua, ele próprio, uma prática, ou mesmo uma ética, de e com cuidado. A partir da leitura de Krasny, é possível compreender o cuidado também como método: uma forma de produzir conhecimento, de ocupar o espaço, de habitar o tempo de maneira atenta, relacional e situada.

Os encontros promovidos pelo *Ecologies of Care* são também formas de aprendizado, fundamentadas naquilo que Elke Krasny associa ao aprendizado lento e às pedagogias da esperança (Freire, 2014). Caminhar ou simplesmente permanecer juntas em um lugar, atentar aos seus detalhes e atmosferas, ler em voz alta, ocupar com os corpos espaços historicamente masculinizados, investigar um mesmo território ao longo de anos, compartilhar dúvidas em vez de conclusões, dividir pesquisas ainda em processo, compõem um repertório metodológico que expande a noção de curadoria e a reformula como uma pedagogia enraizada na escuta, na presença e na construção coletiva do conhecimento.

Essa curadoria não se limita à organização de exposições ou ao trabalho com objetos artísticos. Ela se configura como um modo de investigar e estar no mundo, por meio de um processo contínuo de reflexão e compromisso partilhado com contextos específicos e seus legados históricos, camadas de memória e conflitos ainda ativos. Trata-se de uma pedagogia que valoriza o inacabado, o tempo do processo, o aprendizado encarnado em oposição às lógicas neoliberais de distanciamento, da produtividade, competição e da aceleração, com os chamados *fast learnings*, tão amplamente capitalizados e promovidos no mundo contemporâneo. Nesse sentido, cuidar é também desacelerar, observar, permanecer, inscrever e partilhar formas de produzir outro tempo para o pensamento e para a vida em comum.

“Ecologias do Cuidado se preocupam com as formas de se relacionar com naturezasculturas, infraestruturas, heranças tóxicas, a violência lenta e rápida do patriarcado colonial capitalista que atinge corpos, mentes e territórios, as condições e dimensões antropocêntricas e antropogênicas de extração e gentrificação que resultam em zonas de sacrifício e danos sociais e ambientais” (Krasny, 2025)

Os encontros realizados pelo grupo em Bucareste, Bruxelas, Atenas e, à época da conferência, no Porto, envolveram visitas a sítios marcados por camadas densas de memória, heranças coloniais, violência ambiental e regimes espaciais de poder. Seja uma floresta urbana, um parque imperial, um

sítio arqueológico ameaçado pelas políticas de patrimonialização voltadas ao turismo e por processos de gentrificação, ou ainda uma refinaria em processo de desmantelamento. Cada lugar visitado torna-se objeto de estudo e cenário de encontro, mas também um agente ativo que convoca modos específicos de engajamento. O que está em jogo nesses contextos é mais do que o passado inscrito nesses espaços, mas as formas como eles continuam a ser mantidos, habitados, negligenciados ou disputados no presente. Quem cuida desses lugares? Quem tem direito a permanecer neles? Quem é lembrado e quem é silenciado nas suas materialidades? O que lembram e o que forçam a esquecer?

***“As coisas são feitas para serem esquecidas”
(Krasny, 2025)***

“Herança não é apenas um território a ser contemplado e celebrado, mas um campo de elaboração crítica.” (Krasny, 2025)

Esses legados contemporâneos, mesmo que não tenham sido construídos recentemente, condensam, em sua materialidade, questões urgentes do presente. São lugares que continuam a operar no agora, seja pela persistência das desigualdades históricas que os atravessam, seja pelas disputas contínuas em torno de sua função, uso e significação. Ao deslocarmos a noção de legado de um passado fixo para uma ideia de presença persistente, como algo que continua a ser construído e

negociado no presente, compreendemos que os sítios não apenas “guardam” histórias, mas exigem formas de envolvimento por parte de pesquisadores, artistas e educadores, sintonizadas com os conflitos e responsabilidades que moldam sua existência no presente. Cuidar, nesse contexto, não significa apenas preservar ou conservar, mas interrogar ativamente quais narrativas e práticas queremos cultivar a partir desses lugares e para qual futuro estamos, com eles, nos comprometendo.

Krasny conduz a reflexão para uma investigação crítica do cuidado como conceito multifacetado, com raízes mitológicas, materialidades específicas, contradições estruturais e potências transformadoras. O cuidado é colocado em sua complexa articulação com as estruturas urbanas, ecológicas, políticas e epistemológicas que configuram o mundo contemporâneo:

“ o cuidado como conhecimento, como trabalho, como ética e como sentimento e, ao mesmo tempo, compreender o cuidado como algo ambiental, material, infraestrutural e espacial.” (Krasny, 2025)

“Cura” é uma deusa romana que criou o primeiro homem (homo). O mito de Cura aparece nas Fabulae, um poema de Caio Júlio Higino, um escritor latino do ano 1 d.C. Cura, o nome da deusa, significa cuidado em latim. Os Mitos de Higino foram traduzidos e editados por Mary Grant. University of Kansas Publications in Humanistic Studies, n. 34. Lawrence: University of Kansas Press, 1960. (conforme citado por Krasny, 2025)

Curare

cuidar de, tomar conta de, preocupar-se com, escutar; administrar, comandar; tratar, curar, zelar por; manter, restaurar; conservar em boas condições. (Krasny, 2025)

“O cuidado pode ser a forma que o controle assume.” (Krasny, 2025)

Longe de ser uma categoria neutra ou apenas benigna, o cuidado é apresentado como um campo atravessado por tensões: pode ser gesto de manutenção e solidariedade, mas também técnica de controle, dispositivo de governo, ou mesmo forma de dominação e exploração. Há, por exemplo, um cuidado paternalista e patrimonialista, centrado na propriedade, autoridade e tradição, associado a ideia de proteção. Esse cuidado-poder se manifesta, por exemplo, na retórica estatal da proteção militarista, na vigilância sob o pretexto da segurança, nas formas de gestão urbana que, em nome do “bem comum” promovem processos de higienização e gentrificação, ou dos Estados-nação ocidentais como uma forma de proteger aquilo que se entende como “propriedade” e “identidade” sobre territórios, patrimônios e corpos, muitas vezes às custas da exclusão e da violência.



"Libertando os imaginários do cuidado" (Krasny, 2025)

Se o cuidado foi historicamente atribuído ao feminino, muitas vezes de maneira essencialista e exploratória, como lidar com esse legado? Em contraste com as formas paternalistas e normativas de cuidado, há também práticas que o afirmam como gesto emancipador, relacional e redistributivo: cuidado como resistência, como criação de mundos, como partilha de responsabilidades. Elke



Conferência de Elke Krasny na Aula Magna da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto.

Krasny propõe, nesse contexto, uma virada epistemológica feminista, não no sentido biológico ou naturalizante, mas como uma política relacional baseada na reciprocidade e na interdependência.

Ao pensamos os âmbitos aos quais o cuidado pode atravessar, percebe-se que o cuidado é infraestrutural, isto é, é aquilo que sustenta e torna possível a vida cotidiana, ainda que frequentemente permaneça invisível ou naturalizado. Krasny recupera, nesse ponto, a etimologia do termo *curare* — cuidar, curar, manter, reparar — para mostrar que a curadoria, como prática estética e política, pode ser pensada como uma forma de infraestruturalidade crítica: um trabalho de cuidado com os sistemas e contextos que moldam a experiência coletiva.

Nesse sentido, desafia-se a suposição de que o cuidado se restringe a escalas íntimas ou privadas. Em vez disso, evidencia-se a necessidade de cuidar e de reconhecer o cuidado que sustenta as condições materiais da existência: do abastecimento de água aos sistemas de memória (como os monumentos), da manutenção dos espaços públicos até a reinvenção dos modos de habitar o mundo. O cuidado, assim, é compreen-

dido como um campo ampliado, que nos permite imaginar formas diversas de viver juntos em um planeta ferido (Krasny, 2025) através do pensamento, da atenção, das práticas coletivas e ações críticas para reparar os danos históricos e simbólicos. Essas práticas, por sua vez, tornam-se expressões materiais dos nossos valores, conflitos e futuros possíveis, posicionando o cuidado no centro da política, da pedagogia e da produção cultural.



Conferência de Elke Krasny na Aula Magna da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto.

Krasny também apresentou *Feminist Infrastructural Critique* (Krasny et al., 2024), publicação que reúne uma constelação de autoras comprometidas com a crítica às infraestruturas técnicas, institucionais e urbanas sob uma perspectiva feminista, situada e interseccional. O livro reúne ensaios que desafiam a concepção tecnocrática e neutra das infraestruturas, propondo uma leitura enraizada em práticas de cuidado, justiça social e responsabilidade ecológica. Combinando pensamento teórico, práticas artísticas e experiências situadas, a coletânea delineia um campo emergente de crítica infraestrutural que reconhece os sistemas técnicos, institucionais e urbanos como terrenos de disputa, violência e, também, de imaginação política. A crítica, nesse sentido, não se limita à denúncia: ela também inventa formas de permanecer, sustentar, insistir: práticas de afirmação da vida, como define o subtítulo da publicação.

**SE O CUIDADO
FOI
HISTORICAMENTE
ATRIBUÍDO AO
FEMININO,**

**MUITAS VEZES
DE MANEIRA
ESSENCIALISTA E
EXPLORATÓRIA,**



COMO LIDAR COM ESSE LEGADO?



Programa Glosar 1:

14:00 — Conferência de Inês Moreira (Centro de

Estudos Arnaldo Araújo - Escola Superior Artística do Porto)

[**GLOSAR #1**]: Infraestrutural Turn: Acção Artística e Curatorial envolvida com Lugares Extremos. Auditório do Pavilhão Sul — Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto.

Programa Glosar 2:

18:30 — Conferência de Elke Krasny (Academia de Belas Artes — Universidade de Viena)

[**GLOSAR #2**]: Feminist Infrastructural Critique. Aula Magna da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (FBAUP).

Referências

Anzaldúa, G. (2007). *Borderlands: the New Mestiza* = *La Frontera* (4ª Ed.). Aunt Lute Books.

Christensen, S. M., & Mader, R. (2020). Introduction. In R. Mader & S. M. Christensen (Eds.), *New Infrastructures Performative Infrastructures in the Art Field* (40th ed., Vol. 22, pp. 05-12). *Passepartout*.

Freire, P. (2014). *Pedagogia da esperança: Um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Paz e Terra.

Haraway, D. (1990). *Simians, Cyborgs, and Women: The Reinvention of Nature*. Routledge.

Krasny, E. (2025, Maio 15). *Ecologies of Care: Feminist Infrastructural Critique* [Conferência]. In *Glosar Series and Ecologies of Care Gathering Porto* [Evento presencial]. Universidade do Porto, Faculdade de Belas Artes, Porto, Portugal.

Krasny, E., Lingg, S., & Lomoschitz, C. (Eds.). (2024). *Feminist Infrastructural Critique: Life-Affirming Practices Against Capital* (Vol. 74). FKW. <https://fkw-journal.de/index.php/fkw/issue/view/89>

Krasny, E., & Lingg, S. (2024). Introduction. In E. Krasny, S. Lingg, & C. Lomoschitz (Eds.), *Feminist Infrastructural Critique: Life-Affirming Practices Against Capital* (74th ed., pp. 006-016). FKW. <https://fkw-journal.de/index.php/fkw/issue/view/89>

Levit, B. (2024). On Design, Feminism, and Friendship (F. L. Barbera, Ed.). Bikini Books e Clube do Livro do Design.

Moreira, I. (2025, maio). Infra-estruturas críticas: Cuidando de sistemas em transição. *Jornal Arquitectos: Publicação periódica da Ordem dos Arquitectos*, 266, 36-47.

Rendell, J. (2006). *Art and Architecture: A Place Between*. Bloomsbury Publishing.

Rendell, J. (s.d). *Critical Spatial Practice*. Critical Spatial Practice. <https://criticalspatialpractice.co.uk/>



Biografia

Beatriz Duarte

Beatriz Duarte (Brasil) é arquiteta, urbanista, curadora e investigadora, doutoranda em Educação Artística, filiada ao Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade (i2ADS–FBAUP/UPorto) com apoio da Fundação para Ciência e Tecnologia (FCT). Mestre em Curadoria e Museologia (UPorto) e licenciada em Arquitetura e Urbanismo (UFMG, Brasil). No grupo Extreme Sites, contribui com a pesquisa de três casos de estudo a partir da sua investigação de doutoramento: Plan Baron/Lisboa, Central Termoelétrica do Freixo/Porto e Fábrica do Arquinho-Couros/Guimarães. Investiga práticas espaciais críticas — curatoriais, artísticas e pedagógicas — para mediar heranças contemporâneas e experimentar leituras relacionadas à memória, ao patrimônio, às transformações urbanas, às relações entre natureza e cultura, entre outros.

Inês Moreira

Inês Moreira é investigadora, curadora, editora e investigadora auxiliar no Centro de Estudos Arnaldo Araújo (2023–2029), com o apoio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Coordena o projeto “[Infra]Structures – Transforming Urban Infrastructure Through Artistic Practices” e é a fundadora do projeto “Extreme Sites”. Na última década, tem participado ativamente em

várias redes europeias, como Ecologies of Care, tendo sido também coordenadora de grupo de trabalho no European Forum for Advanced Practices [Cost Action 18136] (2019–2023). A sua formação académica inclui um doutoramento em Curatorial/Knowledge pelo Goldsmiths College, University of London (2014), um mestrado em Arquitetura e Cultura Urbana pela Universitat Politècnica de Catalunya, Barcelona (2004) e uma licenciatura em Arquitetura pela Universidade do Porto (2001). Website pessoal: inesmoreira.org

Lais Rabello de Andrade

Lais Rabello de Andrade é investigadora doutoranda no Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade (i2ADS – FBAUP), bolseira FCT: 2023.03235.BD. Bacharel em Educação Artística (FAAP-SP, Brasil) com grau reconhecido pela Universidade do Porto enquanto licenciatura em Artes Plásticas. É bacharel em Filosofia (PUC-SP, Brasil), especialista em Arte: Crítica e Curadoria (COGEAE – PUC-SP, Brasil) e mestre em Estudos de Arte: Teoria e Crítica da Arte (FBAUP). É investigadora colaboradora no projeto Extreme Sites (CEAA – ESAP). Investiga bienais de arte contemporânea e práticas artísticas research-based pensando como essas relacionam-se ao ativismo na arte contemporânea.

Paula Guerra

Paula Guerra é professora associada de Sociologia na Universidade do Porto e Investigadora no Instituto de Sociologia da mesma Universidade. Paula é Professora Associada Adjunta do Griffith Centre for Social and Cultural Research da Griffith University na Austrália e Professora Colaboradora Externa nos Programas de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Espírito Santo e em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí no Brasil. É ainda investigadora do CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, do Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território (CEGOT) e do DINÂMIA'CET – Iscte, Centro de Estudos sobre a Mudança Socioeconómica e o Território. É fundadora/coordenadora da Rede Todas as Artes: Rede Luso-Afro-Brasileira de Sociologia da Cultura e das Artes e da KISMIF (kismifconference.com). É presidente da International Association for the Study of Popular Music (IASPM) Portugal e vice-coordenadora da Research Network de Sociologia da Arte da European Sociological Association. Coordena vários projetos de investigação subordinados às culturas juvenis, à sociologia das artes e da cultura, à cocriação artística e arte participativa, metodologias e técnicas de investigação, culturas DIY, entre outros temas. Tem igualmente orientado mais de uma centena de projetos de mestrado, doutoramento e pós-doutoramento nas áreas mencionadas. Paula é editora-chefe (com Andy

Bennett) da revista da SAGE DIY, Alternative Cultures and Society e da da Bloomsbury Academic Book Series Critical Studies in Do-it Yourself Cultures.

Tiago Assis

Tiago Assis é cis, português, branco, professor e investigador na FBAUP. Licenciado em Design de Comunicação pela Escola Superior de Artes e Design, tem um Master em Produção Multimédia pela Universidade de Barcelona e é doutorado pela Universidade de Politécnica de Valencia. Teve um percurso altamente privilegiado, pelas estruturas e condições sociais, também correlacionadas com um acesso a uma educação tecnológica bastante excludente. Depois de ter desempenhado profissionalmente várias funções como Designer, iniciou a sua actividade como docente em 2001 na Escola Artística Soares dos Reis, onde leccionou até 2007. É professor e investigador na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto desde 2008. Actualmente, investiga na área de Educação Artística através de enquadramentos decoloniais e anti-discriminatórios sobre tecnologia, ambiente e sociedade.

Glosar é uma publicação periódica que está no campo da Cultura Visual e Urbana, nos interfaces da crítica cultural com a curadoria e a mediação. Glosar cruza comentários a corpos de trabalho apresentados em Masterclasses, Workshops, Visitas e outros modos de encontro. Glosar surge como um tripé entre os centros de investigação da FBAUP, da ESAP e da FLUP, através de investigadores, educadores e doutorandos.

Conselho Científico e Editorial:

Tiago Assis - izads-FBAUP

Inês Moreira - CEAA-ESAP

Paula Guerra - ISUP-FLUP

Beatriz Duarte - izads-FBAUP

Lais Rabello de Andrade - izads-FBAUP

Masterclasses 2025:

Inês Moreira

Elke Krasny

Editores Glosar #01 e #02:

Lais Rabello de Andrade

Beatriz Duarte

Tiago Assis

Autores dos textos:

Lais Rabello de Andrade

Beatriz Duarte

Tiago Assis

Inês Moreira

Refinery Board

(Inês Moreira e Joana Rafael)

Visita Casa de Chá e

Piscina das Marés:

Pedro Pimentel - Casa da Arquitetura
(Matosinhos, Porto, Portugal).

Tradução:

Lais Rabello de Andrade

Beatriz Duarte

Assistência linguística: ChatGPT (IA)

Design:

Thamires Reis

Raíssa Aquino

Fotografias:

Beatriz Duarte e

Lais Rabello de Andrade

Licença

creative commons

ISSN: 3051-8164

DOI: 10.21747/3051-8164/gl

Ano:

2025

Financiamentos:

Esta série é financiada pela Caixa Geral de Depósitos e fundos nacionais através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), I.P. No âmbito dos projetos: UID/04041/2025; Extreme Sites (ref. CEAA/2020/06) do Centro de Estudos Arnaldo Araújo; CEEC (ref. 2022.02125.CEECIND/CP1765/CT0001) e das bolsas de doutoramento SFRH/BD/04620/2021 e SFRH/BD/03235/2023 financiada pelo Orçamento de Estado, sob a tutela do Ministério da Educação, Ciência e Inovação.

